


Fatores de (in)satisfação com a autoimagem corporal na adolescência

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.015-017>

José Francisco Nunes Guilherme

Doutoramento em Psicologia
Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes -
Universidade Lusófona
E-mail: jose.f.guilherme@gmail.com

E-mail: cmartins2001@gmail.com

Maria Cristina de Oliveira Salgados Nunes

Doutoramento em Psicologia
Universidade do Algarve
E-mail: csnunes@ualg.pt

Carla Alexandra Ramalho de Sena Martins

Doutoramento em Metodologias de Investigação em
Educação Física e Desporto
Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes -
Universidade Lusófona

Saúl Neves de Jesus

Doutoramento em Psicologia da Educação
Universidade do Algarve
E-mail: snjesus@ualg.pt

RESUMO

Na adolescência, os jovens têm que se adaptar a transformações quase radicais, sendo a (in)satisfação com a autoimagem corporal uma realidade.

O objetivo desta pesquisa é determinar a relação entre a condição física e a (in)satisfação com a autoimagem corporal. Conhecer como a (in)satisfação com a autoimagem corporal se relaciona com o masculino versus feminino e analisar a associação com o desempenho acadêmico a nível global, de acordo com o género e a idade. Participaram 1517 adolescentes, 701 do sexo masculino (46,18%), com idades entre 12 e 17 anos.

A condição física foi avaliada pelo Fitnessgram, a (in)satisfação com a autoimagem corporal, por meio da Escala de Silhuetas de Collins (1991), adaptada por Simões (2014), e o desempenho acadêmico pela média aritmética das disciplinas curriculares.

Houve relação estatisticamente significativa entre os grupos de (in)satisfação com a autoimagem corporal e nível de aptidão física na amostra global e no sexo masculino.

As associações entre (in)satisfação com a imagem corporal e desempenho acadêmico, global, masculino e feminino, não são significativas ($p < 0,05$). Entre idade e (in)satisfação com a autoimagem corporal globalmente e em mulheres, as correlações são negativas, significativas e fracas.

Palavras-chave: Adolescência, Condição Física, (In)satisfação com a Autoimagem Corporal, Desempenho Acadêmico.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período marcado por mudanças físicas e sociais que podem estar associadas à imagem corporal negativa (Sennin-Calderón, Rodríguez-Tental, & Perona-Garcelán, 2017). Constitui uma etapa de nossa ontogênese marcada pela vulnerabilidade psicológica, às vezes preocupação excessiva com a autoimagem, muitas vezes marcada pela insatisfação.

De acordo com Grogan (2017), muitos pesquisadores consideram a imagem corporal como muitas coisas diferentes. A imagem corporal aparece com Collins (1981), assumida como um conceito dinâmico, para este autor, a precisão da imagem corporal depende da forma como os processos individuais se ajustam entre a realidade e o ritmo da mudança corporal.

Por sua vez, outros autores concebem a imagem corporal como uma idealização multidimensional definida pelas percepções e atitudes (afetivas, cognitivas, comportamentais) que um determinado sujeito tem de seu corpo (Cash & Brown, 1989; Conti, 2008; Simões, 2014).

Para Simões (2014), trata-se de uma construção dinâmica, pessoal, um construto multidimensional, definido pelas percepções e atitudes (afetivas, cognitivas, comportamentais) que um determinado sujeito tem sobre seu corpo. A (in)satisfação com a imagem corporal diz respeito à preferência por determinadas características corporais relacionadas ao tamanho e à forma do corpo, diferentes da percepção que o indivíduo tem de si mesmo (Wertheim & Paxton, 2011). Há uma área no processo de imagem corporal, no que diz respeito às características faciais, aparência da pele, musculatura, condicionamento físico (condição física) e força, em que os jovens adolescentes mais se identificam com o seu ideal.

De fato, as percepções da imagem corporal constituem um fenômeno que possui dois aspectos subjacentes: mudanças cognitivas e afetivas. O presente estudo tem como objetivo determinar a relação entre a condição física e a (in)satisfação com a autoimagem corporal globalmente e em ambos os sexos; saber se existem diferenças significativas entre a (in)satisfação com a autoimagem corporal entre os gêneros; analisar a associação entre a (in)satisfação com a autoimagem corporal e o desempenho acadêmico de forma global e em função do gênero. E determinar a relação entre idade e (in)satisfação com a autoimagem corporal.

Muitas vezes, durante a adolescência, o corpo transmite insatisfação e sentimentos negativos aos jovens. De acordo com Grogan (2017), a imagem corporal envolve percepções, pensamentos e *sentimentos* sobre o respectivo corpo. De acordo com Tiggemann (2011) e Grogan (2017), existem variações culturais quanto à forma corporal, cada vez mais atreladas aos padrões de saúde, o que inclui estilos de vida saudáveis, aspecto fundamental a ser implementado entre os jovens, ideia corroborada por Mitchell, Petrie, Greenleaf e Martin (2012).

É comum que os jovens adolescentes vacilem diante de tantas mudanças em um espaço de tempo tão curto, e a imagem corporal está logicamente no centro dessas mudanças. De acordo com

Cash (2011), em um painel de desenvolvimento de influências na construção do processo de imagem corporal, podem ser compatibilizados: aspectos da cultura, socialização; experiências interpessoais; características físicas com as devidas alterações; fatores de personalidade; Atitudes; processos cognitivos ou mesmo de autorregulação.

O excesso de peso, comprovado por evidências científicas, está associado a riscos à saúde, constituindo uma das principais preocupações da OMS (2010), expressa no presente estudo por meio da condição física, em que o Índice de Massa Corporal – (IMC); O Índice de Massa Gorda – (IMG) e o Perímetro Abdominal – (AP), obtidos a partir da *relação* (Perímetro Abdominal/Estatura), constituem variáveis decisivas, para situar o participante na zona saudável, na zona de algum risco ou na zona de alto risco.

É importante incluir os jovens, meninos ou meninas, em zonas de conforto com sua fisicalidade por motivos estéticos, autoestima e sentir-se valorizados. De acordo com Fonseca (2009), os adolescentes tornam-se particularmente vulneráveis ao impacto do *feedback* social em sua aparência, deixando sua autoestima enfraquecida. *"Os adolescentes portugueses definidos como obesos (com índice de massa corporal – IMC – baseado no peso e altura, autorreferidos, igual ou superior a P. 95 para idade e sexo), quando comparados com os seus pares não obesos, referiram mais frequentemente estar a fazer dieta com o objetivo de perder peso (especialmente do sexo feminino) e mais frequentemente consideraram que pareciam piores, eram menos saudáveis e até tinham dificuldade em fazer amigos", Fonseca, 2009, p. 11. 21.*

Considerando a natureza do feminino *versus* masculino, uma vez que existem diferenças notáveis no que diz respeito às formas corporais (dimensões), tendo em conta vários fatores (por exemplo, anatómicos, hormonais, étnicos, culturais) meninos e meninas apresentam diferenças substanciais, conceito conhecido como dimorfismo sexual (Fragoso e Vieira, 2000). Em termos históricos, particularmente a partir da década de 1950, houve um renascimento da cultura corporal, ou seja: uma redescoberta do culto ao corpo, no qual o feminino ganhou espaço. A Escola, a valorização da Educação Física, do Desporto Escolar e do Desporto Federado, *os Health Clubs* têm constituído um alicerce decisivo na importância que o culto do corpo tem assumido junto dos jovens. Surge em diferentes contextos e países, uma preocupação que tem vindo a aumentar e advém dos indicadores alarmantes defendidos pelas diretrizes da OMS (2010) e da OCDE (2017), ao nível da estratégia e política global de saúde, bem como das políticas de saúde de diferentes países, particularmente no Ocidente (ex. Estados Unidos; Reino Unido; Países escandinavos; Espanha; Portugal, entre outros).

De acordo com (Baskova, Holubckova, & Baska, 2017; Murnen, 2011), a insatisfação com a imagem corporal, que geralmente está associada ao seu peso, é mais comum em meninas, em comparação com meninos que não têm uma preocupação tão forte. Na opinião de Murnen (2011) e Crogan (2017), o corpo feminino ideal está fortemente associado à magreza e à adição de seios, além

de outros significados de sensualidade. Enquanto os homens também estão associados à elegância, mais claramente à estrutura muscular visível. Para Rodriguez e Cruz (2008), a insatisfação com a imagem corporal aumenta significativamente entre os 13 e os 15 anos, e a partir dos 15 anos permanece constante. Predomina o padrão de morfotipo ectomórfico (Fragoso & Vieira, 2000), e tudo o que se desvia deste padrão é estigmatizado, resultando em insatisfação para os jovens, sofrimento, exclusão social, bem como comportamentos menos saudáveis e causando sérios riscos para os jovens discriminados (Fonseca, 2009). E no centro desse problema estão os adolescentes, que, devido à necessidade de criar sentimentos de inclusão social, em seus grupos de pares e ambientes, os tornam particularmente expostos a padrões irrealistas e distorcidos de autoimagem corporal. Ideia corroborada por Aerts, Madeira e Zart (2010); Basková et al. (2017); Petroski, Pelegrini e Glaner (2009); Scheinder et al. (2012). Eles identificaram as meninas como mais preocupadas do que os meninos com sua imagem corporal.

Scheinder et al. (2012), realizaram um estudo cujo objetivo foi avaliar a extensão dos padrões e preditores de sentimentos de insatisfação corporal, vivenciados por adolescentes alemães, do sexo feminino, com idade entre 14 e 17 anos. Usando a *software AVATAR 3D*, eles pediram aos jovens que estimassem a imagem corporal desejada (ideal individual) e a imagem corporal que eles acreditavam que seus pais e melhor amigo consideravam uma imagem ideal para mulheres jovens e a forma corporal ideal individual (silhueta) descrita era significativamente mais magra. Nessa lógica, Petroski, Pelegrini e Glaner (2009), observaram que as meninas queriam reduzir sua silhueta (50,5%), enquanto os meninos queriam aumentá-la, 42%). O estado nutricional e a adiposidade corporal inadequados aumentam a probabilidade de insatisfação com a autoimagem corporal. Este estudo também destaca a pressão social sobre as fêmeas para atingirem a magreza e para que os machos desenvolvam maior volume para ter uma maior estrutura atlética.

Alguns estudos (por exemplo, Abbot & Barber, 2011; Beling et al., 2012; Burgess, Crogan & Burwitz, 2006; Slater & Teiggmann, 2011) consideram a insatisfação com a imagem corporal um forte motivo que pode levar as meninas a se afastarem da prática de esportes. Gomez-Baya, Mendonza, Matos e Tomico (2017), corroboram essa ideia, considerando importante a implementação de ajustes psicológicos entre os adolescentes, promovendo assim a prática de esporte e a aceitação social.

Por meio de uma abordagem qualitativa, Danis, Bahar, Isa e Adilin (2014), concluíram que os participantes que sabiam que não tinham seu peso ideal também mencionaram que sentiam *estresse*, que às vezes zombavam de seu corpo, não estavam satisfeitos com seu corpo e tinham a intenção de perder peso; não se sentiam confortáveis com seu peso; sentiam insatisfação com seu corpo e tinham *sentimentos* negativos sobre o fato de ser obeso. No entanto, alguns participantes deste estudo também admitiram que existem pessoas que se preocupam com eles e que os fazem se sentir felizes.

Calzo et al. (2012), realizaram um estudo que teve como objetivo determinar a associação entre índices de massa corporal (IMC), insatisfação corporal e preocupações com peso e forma. Eles também queriam saber como essas variáveis evoluem do final da segunda infância para o final da adolescência, em meninos e meninas. Eles observaram que as meninas acima do percentil 50 no IMC relataram insatisfação com seu corpo, em comparação com as meninas abaixo do percentil 50. Por outro lado, os meninos que relataram maior insatisfação corporal estavam acima do percentil 75 do IMC (aproximando-se do excesso de peso) ou abaixo do percentil 10 (sinal de baixo peso). A insatisfação corporal aumentou com a idade para meninas e meninos, mas os padrões específicos de gênero para os efeitos do IMC permaneceram constantes. Participantes do sexo masculino e feminino na faixa de sobrepeso / obesidade relataram maior preocupação com o peso, mas entre os adolescentes mais velhos (principalmente meninas), o peso corporal tornou-se cada vez mais associado a uma maior preocupação com peso e forma.

Revisão sistemática dos métodos utilizados para mensurar a insatisfação com a imagem corporal em crianças e adolescentes, realizada por Jiménez-Flores, Jiménez-Cruz e Bagardi-Gascón (2017), utilizando as seguintes bases de dados: Pubmed; *Scielo e EBSCO Host*, em estudo com desenho de estudo transversal, sobre estudos publicados entre abril de 2010 e abril de 2015. Consideraram variáveis como: idade; Gênero; estatura e métodos na escala utilizada para avaliar a insatisfação com a imagem corporal. A autopercepção do peso corporal também foi avaliada. Dezesesseis estudos foram incluídos nos critérios de inclusão e exclusão, e incluíram jovens com idade entre 5 e 19 anos. Os estudos de insatisfação com a imagem corporal com sobrepeso ou obesidade variaram de 44% a 83% e os estudos cuja insatisfação com a imagem corporal foi devido ao baixo peso variaram de 1,7% a 37%. Em alguns estudos, a insatisfação com a imagem corporal foi associada à idade, que aconteceu com maior frequência entre as meninas. Mas a insatisfação com a imagem corporal também está presente em alguns meninos.

Imagem corporal e redes sociais - é inequívoco que o conceito estético do corpo (beleza) sofreu alterações significativas ao longo do tempo. Esse processo também pode variar de sociedade para sociedade, de acordo com normas, padrões e valores estéticos vigentes em um determinado contexto sociocultural e histórico. De acordo com Mora (2008), "*os padrões estéticos do corpo foram valorizados de forma diferente em determinados momentos da história*". Muitas vezes, em termos do contexto de fatores socioculturais, imagens irrealistas de beleza são promovidas pelas mídias sociais (Clay et al., 2005). Por exemplo, no final do século 19, as mulheres eram admiradas por sua forma "rechonchuda", um sinal de saúde e sensualidade. Por outro lado, os padrões dos anos cinquenta eram muito diferentes, figuras mais magras estavam na moda. Atualmente há consciência da importância de os jovens serem invadidos, "massacrados, *quase em uma batalha implacável*" por diferentes mídias, principalmente com a explosão das redes sociais. Novos heróis são assim fabricados, personificados

em modelos, atores ou atletas, com um morfotipo ectomesomorfo, em que os principais grupos musculares são bem tonificados, representando a imaginação de cada jovem. Clay et al. (2005), chamam a atenção para o fato de que a exposição das meninas às imagens da mídia pode afetar negativamente a imagem corporal. Miles et al. (2018); Petroski et al. (2009); Rodriguez e Cruz (2008); Schneider et al. (2012), consideram que as meninas, mesmo com peso ideal, continuam a se sentir obesas ou desproporcionais, o que leva a uma distorção da imagem corporal.

Existem alguns estudos que atribuem grande importância às mídias sociais e aos pares na formação da imagem corporal dos jovens (Craike et al. 2016; Dohnt & Tiggemann, 2006; Mils, Musto, Williams e Tiggemann, 2018; Tiggemann, 2011; Tiggemann & Slater, 2013; Voelker, Reel & Greenleaf, 2015), referem-se à influência da mídia, da sociedade e dos pares na formação da imagem corporal dos jovens. Para Dohnt e Tiggemann (2006), esse processo começa muito cedo, por meio da televisão (programas musicais, *programas de vídeo*, programas radicais e revistas) são alguns dos exemplos apontados pelos autores e que ajudam a explicar o surgimento desse fenômeno social e que, no entendimento desses pesquisadores, representa uma influência negativa sobre as meninas desde cedo, tanto na construção de sua imagem corporal quanto no desenvolvimento da autoestima. De acordo com Rodriguez e Cruz (2008), a mídia tem um grande impacto na imagem corporal de jovens adolescentes, à medida que aumenta a insatisfação corporal nas meninas latino-americanas, aumenta o nível de influência das estruturas sociais (a comunicação social e as atividades para melhorar o corpo também aumentam).

Tiggemann e Slater (2013), encontraram em meninas adolescentes, com idades entre 13 e 16 anos, um aumento significativo no tempo gasto na *internet* e no *Facebook*. Da mesma forma (Mils et al., 2018; Murnen, 2011; Voelker et al., 2015), consideram que são os meios de comunicação e pares, que ajudam a formar crenças sobre a percepção do corpo ideal. De fato, a internalização desse processo está de acordo com o que é socialmente prescrito pelo corpo ideal e ajudará a explicar a relação entre o status de peso e a *imagem corporal* (Mitchell et al., 2012). Nesse sentido, Craike et al. (2016) consideram que as mensagens de saúde devem incluir estratégias que reduzam a insatisfação com a forma corporal e aumentem a autoestima corporal, mas não se concentrem no ideal de um corpo magro (magreza).

De acordo com Tallat, Fátima, Fiza e Adiya (2017), a falta de autopercepção reduz a autoeficácia e a autoestima, o que atrapalha o desempenho acadêmico, e a imagem corporal afeta o desempenho acadêmico, pois a maioria dos jovens está angustiada com sua autoimagem e são aqueles que revelam satisfação com sua autoimagem, que têm as notas mais altas. No entanto, este estudo ocorreu em um contexto educacional diferente, de ensino superior.

De acordo com Veas et al. (2015), a (in)satisfação com a imagem corporal está presente nos meninos, o que reforça a importância da inclusão de variáveis não cognitivas juntamente com variáveis



cognitivas para predizer um modelo de desempenho acadêmico. No que se refere à análise de artigos que consideram a associação entre (in)satisfação com a imagem corporal e desempenho acadêmico, existem pouquíssimas referências existentes (muito raras), o que reforça a importância do presente estudo, conferindo-lhe o caráter exploratório.

2 MÉTODOS

2.1 AMOSTRA

A amostra foi obtida por conveniência e é composta por 1367 participantes, com idades entre 12 e 17 anos, dos quais 734 (53,69%) eram participantes do sexo feminino. Em relação à amostra geral, 849 estão na zona saudável, 260 em alguma zona de risco e 259 na zona de alto risco. Influência da (in)satisfação com a imagem corporal no desempenho acadêmico, participaram do estudo 1.493 adolescentes, sendo 800 (53,58%) do sexo feminino. Em relação à associação da variável idade com a (in)satisfação com a imagem corporal, o estudo incluiu 1.517 participantes.

Os participantes deste estudo não apresentam deficiência mental, física, sensorial ou emocional. Frequentam escolas regulares do 3º ciclo de escolas do Algarve.

2.2 INSTRUMENTOS

Foi realizada uma caracterização sociodemográfica, que contém informação relativa às médias obtidas nas várias disciplinas e que possibilita a obtenção do desempenho académico.

2.2.1 Avaliação da (in)satisfação com a imagem corporal

Utilizou-se o método da silhueta de Collins (1991), validado para a população portuguesa por Simões (2014) - (Anexo II).

As imagens são apresentadas separadamente, de acordo com o gênero do participante. Eles são solicitados a identificar a silhueta que consideram mais próxima de sua imagem corporal, bem como o número da silhueta que consideram mais consistente com a imagem corporal desejada.

Imagem 2 - Imagem à escala de silhuetas, adaptada por Simões (2014).



2.3 AVALIAÇÃO DA CONDIÇÃO FÍSICA

A Condição Física é avaliada através de um instrumento denominado *Fitnessgram*, que consiste num programa de aptidão física para a saúde, dirigido à população jovem que frequenta as escolas portuguesas de nível secundário, 3º ciclo e ensino secundário.

Com base em um conjunto de testes de aptidão física nas respectivas idades, segundo Bai, Saint-Maurice, Welk, Allums-Fearstheron e Anderson (2015), o desempenho motor foi avaliado em três níveis possíveis: zona de risco e necessidade de melhoria; zona de algum risco e também precisa melhorar e dentro ou acima da zona saudável.

Tomando como referência o desempenho motor, a tabela do Anexo IV apresenta valores para meninos e meninas.

2.4 DESEMPENHO ACADÊMICO

O desempenho acadêmico foi obtido por meio da média aritmética das disciplinas do *currículo*.

2.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Foi utilizado um software computacional, versão 25.0 do *ambiente Windows da IBM*.

Em relação aos procedimentos de caracterização da amostra, foram determinados a média e o desvio padrão. Também foram utilizadas estatísticas descritivas no que diz respeito à análise de frequência em nível global e em relação à idade e sexo.

Optou-se por aplicar um teste paramétrico, o teste ANOVA de um fator. Posteriormente, para saber onde estavam as diferenças, foram utilizados o teste Post-Hoc, o teste de Bonferroni e o DMS. Para verificar a existência de diferenças significativas entre mulheres e homens, foi utilizado o teste *T de Student*.

Para determinar as correlações entre as variáveis (in)satisfação com a autoimagem corporal, desempenho acadêmico e idade, foi utilizado o teste *r* de Pearson. O tamanho do efeito também foi determinado com base nos coeficientes d e η^2 de Cohen, dependendo do teste estatístico.

Considerou-se um nível de significância de $0,05.\alpha$

3 RESULTADOS

No presente estudo, pretende-se analisar a relação entre a condição física e a (in)satisfação com a autoimagem corporal de acordo com a tabela 8.

Tabela 1 - Caracterização da amostra em nível global – Condição física/(in)satisfação com a imagem corporal.

Condição física	N	M	DP	F	P	η^2
Amostra global				4,570	0.011	0.007
Zona saudável	848	0.18	0.94			
Zona de algum risco	259	0.27	0.99			
Zona de alto risco	260	0.38	0.98			
Macho				3,296	0.038	0.010
Zona saudável	449	0.11	0.93			
Zona de algum risco	85	0.31	0.88			
Zona de alto risco	98	0.34	0.98			
Mulher				1,615	0.220	0.004
Zona saudável	398	0.26	0.95			
Zona de algum risco	174	0.26	1.05			
Zona de alto risco	162	0.42	0.99			

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Para a amostra global, utilizando a *técnica estatística One-Factor ANOVA*, obteve-se um valor estatisticamente significativo para a relação entre condição física e (in)satisfação com a autoimagem corporal. Verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre a (in)satisfação com a imagem corporal, nos diferentes grupos de condições físicas. De acordo com o valor do η^2 , o tamanho do efeito pode ser considerado baixo.

Foram aplicados os testes de comparações múltiplas de Bonferroni e DMS. Os resultados apontam diferenças estatisticamente significativas entre a zona saudável e a zona de alto risco (Diferença Média = - 0,201; $p = 0,010$), sendo o valor da zona saudável menor do que o da zona de alto risco. Para os demais níveis de condição física, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$) entre as médias de (in)satisfação com a imagem corporal.

No que diz respeito ao sexo masculino, utilizando a mesma técnica de análise, obteve-se um valor estatisticamente significativo para a relação entre condição física e (in)satisfação com a autoimagem corporal. Verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas, $p < 0,05$, entre a (in)satisfação com a autoimagem corporal, nos diferentes grupos de condições físicas. De acordo com o valor do η^2 , o tamanho do efeito pode ser considerado baixo.

O teste de comparação múltipla DMS aponta para diferenças estatisticamente significativas entre a zona saudável e a zona de alto risco. (Diferença média = - 0,223; $p = 0,032$), sendo o valor da zona saudável menor que o da zona de alto risco. Para os demais níveis de condição física, não foram

encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$) entre os diferentes grupos, o nível de condição física e as médias de (in)satisfação com a autoimagem corporal.

Em relação ao sexo feminino, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as médias de (in)satisfação com a imagem corporal nos diferentes grupos de condições físicas ($p > 0,05$). De acordo com o valor do η^2 , o tamanho do efeito pode ser considerado baixo.

Ainda em relação à relação estatística entre as variáveis idade e (in)satisfação com a autoimagem corporal, utilizando o *coeficiente de Pearson*, não foram encontradas correlações significativas entre as duas variáveis, tanto no sexo masculino ($r = 0,006$; $p = 0,879$) ou do sexo feminino ($r = -0,035$; $p = 0,319$).

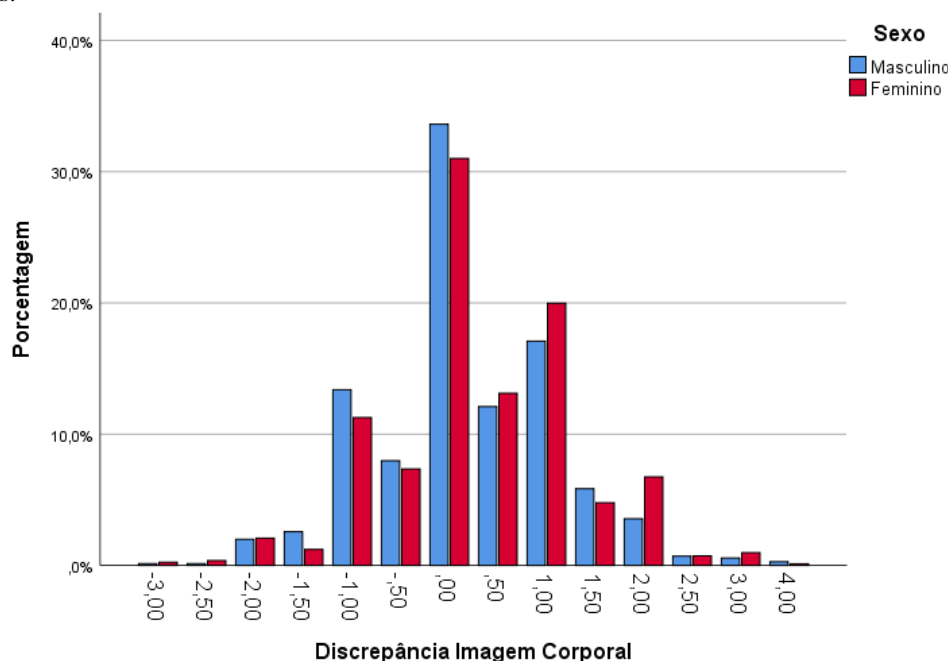
De acordo com os valores assumidos pelos participantes, 53,7% dos homens e 51,30% das mulheres estão quase completamente satisfeitos com a autoimagem corporal, estando apenas (-0,5 ou 0,5) separados. E 84,6% dos participantes do sexo masculino e 85,5% das participantes do sexo feminino estão separados por um valor (-1; + 1) quanto ao grau de (in)satisfação com sua autoimagem corporal. O Gráfico 1 ilustra a situação.

Tabela 2 - Grau de (In)satisfação com a Imagem Corporal, segundo o sexo dos participantes.

Valores Assumido	Discrepância CI (masculino) - N	Porcentagem	Discrepância IC (feminino) - N	Porcentagem
-3.00	1	0.10	Dois	0.20
-2.50	1	0.10	3	0.40
-2.00	14	2.00	17	2.10
-1.50	18	2.60	10	1.20
-1.00	94	13.40	92	11.30
-0.5	56	8.00	60	7.40
00	236	33.60	253	30.80
0.5	85	12.10	107	13.10
1.00	120	17.10	163	19.90
1.50	41	5.80	39	4.80
2.00	25	3.60	55	6.70
2.50	5	0.70	6	0.70
3.00	4	0.60	8	1.00
4.00	Dois	0.30	1	0.10
Total	702		816	

Na tabela 2, pode-se observar que no sexo masculino, assim como no feminino, um grande percentual de participantes está dentro dos limites de (-1 a 1), correspondendo a 84,20% nos participantes do sexo masculino e 82,50% no sexo feminino.

Gráfico 1 – Distribuição da (in)satisfação com a autoimagem corporal em termos percentuais, segundo homens *versus* mulheres.



De acordo com o gráfico 1, há uma distribuição equilibrada em termos percentuais entre homens e mulheres em relação à (in)satisfação com a autoimagem corporal.

Para determinar se a (in)satisfação com a autoimagem corporal difere dependendo do sexo, *foi utilizado o teste T de Student*, e os resultados indicam a existência de diferenças significativas ($p < 0,05$) entre as médias femininas e masculinas. ($t = - 2,448$; $gl = 1516$; $p = 0,014$). Os participantes do sexo feminino apresentam um valor médio superior ao masculino, no que diz respeito à discrepância com a (in)satisfação com a autoimagem corporal. De acordo com o *valor d de Cohen*, o tamanho do efeito pode ser considerado insignificante.

3.1 (DIS) SATISFAÇÃO COM A AUTOIMAGEM CORPORAL E DESEMPENHO ACADÊMICO

No que se refere à associação entre (in)satisfação com a imagem corporal e desempenho acadêmico, com um N de 1.493 participantes, foi utilizado o teste estatístico denominado Coeficiente de *Pearson*, não sendo obtida correlação significativa ($r = 0,015$; $p = 0,575$) em relação ao número total de participantes.

No nível masculino, com 693 participantes, a correlação obtida não é estatisticamente significativa ($r = 0,008$; $p = 0,833$). Em relação aos participantes do sexo feminino, com 800 participantes, a correlação obtida também não é significativa ($r = 0,016$; $p = 0,646$).

3.2 (IN)SATISFAÇÃO COM A AUTOIMAGEM CORPORAL *VERSUS* IDADE

Na amostra geral, obteve-se correlação negativa e fraca significativa ($r = -0,099$; $p = 0,002$). No sexo masculino ($r = 0,056$; $p = 0,277$), a correlação obtida não é estatisticamente significativa e no sexo feminino ($r = -0,140$; $p = 0,001$), é estatisticamente significativo, negativo e fraco. Em síntese, *os coeficientes de correlação linear de Pearson apontam para a existência de correlações negativas, fracas e significativas ($p < 0,01$) entre a (in)satisfação com a imagem corporal e a idade, globalmente e o sexo feminino.*

4 DISCUSSÃO

O presente estudo que relaciona a condição física à (in)satisfação com a autoimagem corporal é encontrado em alguns estudos (ex.: Danis et al., 2014; Gomes-Baya et al., 2017; McCabe et al., 2001; Petroski et al., 2009), ressonância em variáveis antropométricas como peso, índice de massa corporal (IMC), índice de massa gorda (IMG) ou perímetro abdominal (PA) e estão em consonância com os resultados do presente estudo, no qual os participantes da zona saudável se colocam em níveis mais elevados de satisfação com sua autoimagem corporal.

Grogan (2017) considera que uma redução da (in)satisfação com a autoimagem corporal e a formação positiva da imagem corporal, terá impacto nas variáveis comportamentais que envolvem a internalização do elegante como forma física ideal, e, para promover uma imagem corporal positiva, a discrepância entre o corpo ideal e o corpo desejado deve ser zero ou quase zero. De acordo com alguns estudos (por exemplo, Beling et al., 2009; Calzo et al., 2012; Craike et al., 2016; Fonseca, 2009; Schneider et al., 2012), revelam a preocupação dos adolescentes com sua autoimagem corporal, corroborando nosso estudo. De fato, existem vários estudos que argumentam que futuros programas escolares devem aumentar o controle de peso em adolescentes (por exemplo, Burgess et al. 2006; Craike et al., 2016; Danis et al., 2014; Jiménez-Flores et al. 2017).

No presente estudo, a nível global, os participantes que revelam maior satisfação com a sua imagem corporal situam-se na zona saudável em termos de condição física e os que apresentam maiores discrepâncias em termos de (in)satisfação com a imagem corporal encontram-se na zona de alto risco. Foi encontrada uma relação estatisticamente significativa ($p = 0,05$). Em relação ao sexo masculino, também foi obtida relação estatisticamente significativa entre a condição física e a (in)satisfação com a autoimagem corporal. De acordo com (por exemplo, Basková et al., 2017; Beling et al., 2012; Gomez-Baia et al., 2017), os meninos estão menos preocupados com sua imagem corporal, mas também são os que mais gostam de praticar esportes (Slater & Teiggmann, 2011). Corroborando com esses resultados, também em nosso estudo, são os meninos que revelam menor grau de (in)satisfação com a autoimagem corporal.

No geral, 490 dos participantes (33%) estão completamente satisfeitos com sua imagem corporal, não revelando nenhuma pontuação de discrepância. No entanto, uma grande porcentagem (67%) realmente revela insatisfação com sua autoimagem corporal. De acordo com a tabela 9 e o gráfico 1, os valores de discrepância assumidos pelos participantes do sexo masculino e feminino são muito idênticos, o que contradiz alguns estudos consultados (ex.: Basková et al, 2017; Calzo et al., 2012; Ricciardelli & McCabe, 2011; Voelker et al, 2015).

De acordo com Calzo et al. (2012), a insatisfação com a imagem corporal e a preocupação com o peso se intensificam durante a adolescência. Para esses autores, os meninos geralmente estão mais satisfeitos com seus corpos em comparação com as meninas. Para (Basková et al., 2017; Murnen, 2011; Schwartz & Brownell, 2004; Tiggemann & Slater, 2013), a imagem corporal é especialmente prevalente na adolescência, onde a maioria das meninas experimenta insatisfação com a imagem corporal e expressa o desejo de ser magra. Corroborando com essa ideia, Markland & Ingledew (2007), opinam que a diferença em relação ao gênero no efeito da massa corporal e discrepância percebida no tamanho corporal e motivação autônoma para o exercício, pode ser explicada por meio de diferentes expectativas socioculturais, o que pode ajudar a compreender esse equilíbrio masculino/feminino, no que diz respeito à discrepância na (in)satisfação com a imagem corporal em nosso estudo.

Obteve-se correlação estatisticamente não significativa entre as variáveis (defasagem da imagem corporal e desempenho acadêmico, com valor efetivo de $(r = 0,015)$). *Esse resultado* está em consonância com o estudo de Veas et al. (2015), no qual adolescentes, vulneráveis a mudanças na imagem corporal, particularmente as meninas, tendem a desenvolver valores discrepantes de (in)satisfação com a imagem corporal. No entanto, estamos convictos de que se justifica uma avaliação periódica acompanhada de estratégias de reforço positivo, com o objetivo de reduzir as discrepâncias, o que torna este estudo ainda mais pertinente, bem como a realização de estudos mais aprofundados noutras escolas de diferentes regiões do país, bem como noutros níveis de ensino.

Relativamente à relação (in)satisfação com a autoimagem corporal e a idade, o facto de se obter uma correlação estatisticamente não significativa no sexo masculino, mas significativa no sexo feminino, é plausível e está em consonância com alguma literatura (ex. Basková et al. 2017; Gomez-Baya et al. 2017; Murnen, 2011; Schwartz & Browell, 2004; Tiggemann & Slater, 2013). Além disso, Jiménez-Flores et al. (2017) e Mils et al. (2018), consideram que as mulheres sentem mais (in)satisfação com sua autoimagem corporal.

Em suma, no desenvolvimento da imagem corporal, o essencial é entender o próprio corpo como único, diferente dos outros, como "eu", o que também corresponde à apreensão de si mesmo como "objeto" e também como "sujeito". Portanto, requer um olhar cuidadoso e pesquisas continuadas em diferentes contextos escolares, culturais e de gênero.

De acordo com Smolak e Cash (2011), os desafios futuros na abordagem da imagem corporal devem levar em consideração: a) investir na abordagem da imagem corporal, como um contexto multidimensional; b) levar em consideração a diversidade de contextos de estudo de onde provêm as amostras (por exemplo, etnia, idade, cultura, classes sociais, sexualidade); c) os instrumentos de avaliação devem ser mais sensíveis e estar em consonância com os objetivos da intervenção.

No presente estudo, verificou-se um "certo equilíbrio" no que diz respeito aos valores de discrepância de (in)satisfação com a imagem corporal entre rapazes e raparigas. Em vez disso, há estudos que consideram essa preocupação mais evidente em meninas (por exemplo, Aerts et al., 2010; Baskova et al., 2017; Calzo et al., 2012; Jiménez-Flores et al., 2017; Schneider et al., 2012). Em termos estatísticos, o impacto do tamanho do efeito nos deixa apreensivos e nos motiva a continuar estudando esse tema. E o fato de praticamente as referências que analisam a relação entre autoimagem corporal e desempenho acadêmico serem inexistentes, o que reforça a relevância do presente estudo, bem como a continuidade dessa linha de pesquisa.

5 CONCLUSÕES

A (in)satisfação com a autoimagem corporal em indivíduos com condição física saudável é significativamente menor do que a de indivíduos de alto risco, tanto globalmente quanto entre mulheres.

Em relação à (in)satisfação com a autoimagem corporal, os participantes do sexo masculino diferem dos participantes do sexo feminino, com menores valores de discrepância.

Não existe associação entre a (in)satisfação com a autoimagem corporal e o desempenho acadêmico, ao nível da amostra total e para ambos os sexos.

A idade e a (in)satisfação com a autoimagem corporal estão negativamente associadas, tanto globalmente quanto entre as mulheres.

6 DECLARAÇÕES

Para esta submissão, não há financiamento para relatar. Não há conflito de interesses. Foram adotados os procedimentos para a obtenção do Consentimento Informado, nomeadamente a autorização foi solicitada aos organismos oficiais: Instituto Nacional de Proteção de Dados; Delegação Regional de Educação; Diretores dos Grupos que nos permitiram acessar os dados. Autorizações dos pais e consentimento informado dos alunos também foram incluídos. A declaração de Conformidade com os Padrões Éticos na Seção de Conformidade Ética deve incluir se o estudo foi realizado de acordo com os padrões éticos estabelecidos na Declaração de Helsinque de 1964 e suas emendas posteriores ou padrões éticos comparáveis.



REFERÊNCIAS

- Abbott, B., & Barber, B. (2011). Differences in functional and aesthetic body between sedentary girls and involved in sports and physical activity: Does sport type make a difference? **Psychology of Sport and Exercise, 12**, 533-542.
- Aerts, D., Madeira, R. R., & Zart, V. B. (2010). Body image of school adolescents in Gravatai-RS. **Epidemiology Health Services, 19**(3), 283-291.
- Bai, Y., Saint-Maurice, P. F., Welk, G. J., Allums-Fearstheron, K., Candelaria, N., & Anderson, K. (2015). Prevalence of youth fitness in the United States, baseline results from the NFL Play 60 Fitnessgram Partnership Project. **The Journal of Pediatrics, 7**(3), 662-668. <https://doi.org/10.1016/j.jods.2015.05.035>
- Basková, M., Holubciková, J., & Baska, T. (2017). Body-image dissatisfaction and weight-control behavior in Slovak adolescents. **Central European Journal of Public Health, 25**(3), 216-221. <https://doi.org/10.21101/cljph.a4724>
- Beling, M. T. C., Ferreira, M. F. R., Araújo, A. M. M., Barros, A. F. S., Beling, G., & Lamounier, J. A. (2012). Changes in body image among female adolescents and associated factors. **Adolescence and Health, 9**(4), 11-18.
- Burgess, G., Grogan, S., & Burwitz, L. (2006). Effects of 6-week aerobic dance intervention on body image and physical self-perceptions in adolescent girls. **Body Image, 3**, 57-66. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2005.10.005>
- Calzo, J. P., Sonnevile, K. R., Haines, J., Blood, E. A., Field, A. E., & Austin, S. B. (2012). The development of associations among body mass index, body dissatisfaction and weight and shape concerns in adolescent boys and girls. **The Journal of Adolescent Health, 51**, 517-523. <https://doi.org/10.1016/j.jabealth.2012.02.021>
- Cash, T. F. (2011). Cognitive-behavioral perspectives on body image. In T. F. Cash & L. Smolak (Eds.), **A handbook of science, practice, and prevention** (2nd ed., pp. 39-47). New York: The Guilford Press.
- Cash, T. F., & Brown, T. A. (1989). Gender and body images: Stereotypes and realities. **Sex Roles, 21**(5/6), 361-365.
- Clay, D., Vignoles, V. L., & Dittmar, H. (2005). Body image and self-esteem among adolescent girls: Testing the influence of sociocultural factors. **Journal of Research on Adolescence, 15**(4), 451-477.
- Coelho, E. M., Fonseca, S. C., Pinto, G. S., & Carvalhal, M. I. M. (2016). Factors associated with body image dissatisfaction in Portuguese adolescents: Obesity, sports activity and TV watching. **Motricidade, 12**(2), 18-26. <https://doi.org/10.6063/motricidade.6277>
- Collins, J. K. (1981). Self-recognition of the body and its parts during late adolescence. **Journal of Youth and Adolescence, 10**(3), 243-254.
- Collins, M. E. (1991). Body figure perceptions and preferences among preadolescent children. **International Journal of Eating Disorders, 10**, 199-208. [https://doi.org/10.1002/1098-108X\(199103\)](https://doi.org/10.1002/1098-108X(199103))
- Cooper Institute for Aerobics Research. (2002). **Fitnessgram. Test Applications Manual** (3rd ed.). Lisbon: FMH Edições.



Conti, M. A. (2008). The aspects that make up the concept of body image from the adolescent's perspective. **Brazilian Magazine Growth and Human Development, 18*(3), 240-253.*

Craike, M., Young, J. A., Symons, C. M., Pain, M. D., Harvey, J. T., Fime, R. M., & Payne, W. R. (2016). Trends in body image of adolescent females in metropolitan and non-metropolitan regions: A longitudinal study. **BMC Public Health, 8*(1), 1143.* <https://doi.org/10.1186/s12489-016-3815-1>

Grogan, S. (2017). **Body image: Understanding body dissatisfaction in men, women and children** (3rd ed.). New York: Routledge Taylor & Francis Group.

Danis, A., Bahar, N. M., Isa, K. A. M., & Adilin, H. (2014). Body images perspectives among obese adolescents in rural environmental setting. **Procedia - Social and Behavioral Sciences, 153*, 436-442.* <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.10.027>

Desfabbro, P. M., Winefield, A. M., Anderson, S., Hammarström, A., & Winefield, H. (2011). Body image and psychological well-being in adolescents: The relationship between gender and school type. **The Journal of Genetic Psychology, 172*(1), 67-83.*

Florin, T. A., Schultz, J., & Steyler, N. (2011). Perception of overweight is associated with poor academic performance in US adolescents. **Journal of School Health, 81*(11), 663-670.*

Fonseca, R. H. M. (2009). **Obesity in adolescence: A contribution to a better understanding of the psychosocial factors associated with obesity and overweight in Portuguese adolescents** (Doctoral thesis). Faculty of Medicine, University of Lisbon.

Fragoso, I., & Vieira, F. (2000). Morphology and growth. In **Broken Cross** (pp. 62-73; 77-135; 209-228). FMH Editions – Motricity Sciences.

Hogue, J. V., & Mills, J. S. (2019). The effects of active social media engagement with peers on body image in young women. **Body Image, 28*, 1-5.* <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2018.11.002>

Inchley, J., Kirby, J., & Currie, C. (2011). Longitudinal changes in physical self-perceptions and associations with physical activity during adolescence. **Pediatric Exercise Science, 23*, 237-249.*

Jiménez-Flores, P., Jiménez-Cruz, A., & Bacardi-Gascón, M. (2017). Dissatisfaction with body image among children and adolescents: A systematic review. **Hospital Nutrition, 34*(2), 379-489.* <https://doi.org/10.20960/nh.455>

Markland, D., & Ingledew, D. K. (2007). The relationships between body mass and body image and relative autonomy for exercise among adolescent males and females. **Psychology of Sport and Exercise, 8*, 836-853.* <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2006.11.002>

McLean, S. A., Paxton, S. J., & Wertheim, E. H. (2016). Does media literacy mitigate risk for reduced body satisfaction following exposure to thin-ideal media? **Journal of Youth and Adolescence, 45*(8), 1678-1695.* <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0440-3>

Mills, J. S., Musto, S., Williams, L., & Tiggemann, M. (2018). “Selfie” harm: Effects on mood and body image of young women. **Body Image, 27*, 86-92.* <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2018.08.007>



Mitchell, S. H., Petrie, T. A., Greenleaf, C. A., & Martin, S. B. (2012). Moderators of the internalization-body dissatisfaction relationship in middle school girls. **Body Image, 9**, 431-440. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2012.07.001>

Mora, S. Z. (2008). Adolescence and body image and the age of delgadity. **Reflexiones Magazine, 87*(2)*, 67-80.

Murnen, K. S. (2011). Gender and body images. In T. F. Cash & L. Smolak (Eds.), **A Handbook of Science, Practice, and Prevention** (pp. 173-179). (2nd ed.). New York: The Guilford Press.

OECD. (2017). Obesity update. Available at: www.oecd.org/health/obesity-update.htm. Accessed 24.8.2018.

Petroski, L. E., Pelegri, A., & Glaner, F. M. (2009). Body dissatisfaction in rural and urban adolescents. **Motricity, 5*(4)*, 13-25.

Rodriguez, S., & Cruz, S. (2008). Body dissatisfaction among Latin American and Spanish adolescents. **Psychothema, 20*(1)*, 131-137.

Schneider, S., Weill, M., Thiel, A., Werner, A., Mayer, J., Hoffmann, H., & Diehl, K. (2012). Body dissatisfaction in female adolescents: extent and correlates. **European Journal Pediatrics**. Published online: December 04, 2012. <https://doi.org/10.1007/s00431-012-1897-Z>

Sennin-Calderón, C., Rodriguez-Tutal, J. F., Perona-Garcelán, S., & Perpñá, C. (2017). Body image and adolescence: A behavioral impairment model. **Psychiatry Research, 248**, 121-126. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2016.12.003>

Simões, A. F. (2014). Assessment of (dis)satisfaction with body image. Validation study of the Collins Silhouettes scale for Portuguese children and adolescents (Master's thesis). Coimbra University. (Unpublished document).

Slater, A., & Tiggemann, M. (2011). Gender differences in adolescent sport participation, teasing, self-objectification and body image concerns. **Journal of Adolescence, 34**, 455-469. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2010.06.007>

Swinburn, B. A., Kraak, V. I., Allender, S., Atkins, V., Baker, P., Bogard, J., ... Dietz, W. H. (2019). The global syndemic of obesity, undernutrition, and climate change: The Lancet Commission report. **The Lancet**. Published online January 27, 2019. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)32822-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)32822-8)

Tallat, M., Fatima, A., Fiza, K., & Adiya, D. (2016). Body's image concerns and its impact on academic achievements. **Journal of Psychology and Clinical Psychiatry, 7*(3)*. <https://doi.org/10.101506/jpcpy.2017.07.00437>

Tiggemann, M. (2011). Sociocultural perspectives on human appearance and body image. In T. F. Cash & L. Smolak (Eds.), **A Handbook of Science, Practice, and Prevention** (pp. 12-19). (2nd ed.). New York: The Guilford Press.

Tiggemann, M., & Slater, A. (2013). Netgirls the internet facebook, and body image concern in adolescent girls. **International Journal of Eating Disorders, 46*(6)*, 623-633.

Veas, A., Castejón, J. L., Gilar, R., & Miñano, P. (2015). Academic achievement in early adolescence: The influence of cognitive and non-cognitive variables. **The Journal of General Psychology, 124*(4)*, 273-294. <https://doi.org/10.1080/00221309.2015.1092940>



Voelker, D. K., Reel, J. J., & Greenleaf, C. (2015). Weight states and body image perceptions in adolescents: current perspectives. **Adolescence Health Medicine Therapeutics, 25*(6), 149-158.* <https://doi.org/10.2147/AHMT.S68344>

Wertheim, H. E., & Paxton, J. S. (2011). Body image development in adolescent girls. In T. F. Cash & L. Smolak (Eds.), **Body Image: A Handbook of Science, Practice, and Prevention** (pp. 76-84). (2nd ed.). New York: The Guilford Press.

WHO. (2010). Global recommendation on physical activity for health. Geneva, Switzerland. Available at http://whqlibdoc.who.int/publications/2010/9789241599979_eng.pdf. Accessed 12/24/2017.